

Fernanda Marina Feitosa Coelho**

BEOZZO, Pe. José Oscar; FRANCO, Cecília Bernardete (orgs.). *Educar para a paz em tempos de injustiças e violência*. São Paulo: Paulus, 2016.

Educar para a paz em tempos de injustiças e violência. O livro foi resultado do trigésimo curso de verão do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP), que ocorre todos os anos no mês de janeiro na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A somatória de violências mais recentes – como o desemprego, o tráfico de pessoas, de drogas e outras – àquelas antigas e estruturais motivou o tema do curso no intuito de denunciar a violência estrutural de nossa sociedade e de também contribuir para a transformação da realidade no que diz respeito ao compromisso militante e à motivação da esperança.

O tema da obra e do curso foi inspirado pelas interpelações feitas pelo Papa Francisco no II Encontro Mundial dos Movimentos Sociais em que, como no I Encontro, em Roma, denunciou a violência estrutural e a distribuição desigual de recursos. O livro é dividido em 3 seções que abordam aspectos teóricos e práticos da violência e experiências na tentativa de sua superação no Brasil. Cada seção possui uma característica central que permite a relação com o tema da violência sob diferentes perspectivas.

A Seção I, *Mapeando a realidade: as muitas violências e suas raízes*, é composta de cinco textos que visam expor a violência estrutural. O primeiro, escrito pela professora Magali do Nascimento Cunha, retrata *O desafio da humanização das mídias*

* Recebido em: 04.05.2019. Aprovado em: 16.05.2019.

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em Ciências da Religião pela UESP. Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Cruzeiro do Sul. *E-mail*: femfcoelho@gmail.com

em tempos de espetacularização da violência. O texto buscar identificar como violência e mídia se relacionam, causando transformações na vida das pessoas e dos agrupamentos sociais. Em sua conclusão, a autora ressalta a necessidade de humanizar e democratizar as mídias, apostando na denúncia da violência contida nestas e na forma como seus discursos a proliferam na sociedade.

No segundo texto da Seção, *A violência que sofre a população de rua*, Pe. Júlio Lancelotti aborda o tema da violência nas cidades e da domesticação de pobres em áreas urbanas. De acordo com Lancelotti, é necessário olhar para os pobres com olhar social e comprometido, com olhar de resistência perante as instituições que produzem pobreza.

O terceiro texto, escrito pela educadora Yvonne Bezerra de Mello busca compreender como *Educar crianças e jovens em contextos de violência e traumas*. O texto retrata o projeto Uerê-Mello, referência pedagógica no Brasil e no exterior. A autora ressalta a importância de identificar o estado emocional de crianças e jovens no sistema de ensino, de forma a captar possíveis traumas que causem consequências negativas no processo de ensino e aprendizagem.

Os últimos dois textos da Seção I se afastam das cidades para descrever a violência de outras populações vulneráveis no país. Thiago Valentim relata *A questão agrária brasileira e os conflitos no campo* por meio de uma explanação da situação fundiária nacional. Ressalta como a lógica do capitalismo avança contra as populações rurais e contra a natureza, colocando o lucro acima da solidariedade. Neste contexto, é necessário recuperar a esperança por meio da justiça e do direito. A Seção encerra a problemática tratando, especificamente, da *Violência contra os povos indígenas do Brasil: o genocídio secular*. Gilberto Vieira dos Santos, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) relata as violações dos direitos dos povos indígenas e ressalta o compromisso daqueles que lutam por uma sociedade democrática e plural na cobrança de ações do poder público para garantir direitos aos povos indígenas, assim como para ampliar as redes de solidariedade.

A Seção II da obra, intitulada *Bíblia e teologia – império promotor de violência* traz o texto *Apocalipse: profecia em tempos de perseguição e violência*, que utiliza o referido livro bíblico para descrever a dimensão incontrolável da violência e dos efeitos da injustiça sobre a vida em coletividade. É neste contexto que a biblista Odja Barros procura estimular caminhos de esperança e resistência de minorias perseguidas. Aponta visões importantes para a leitura de Apocalipse no atual contexto da realidade brasileira e latino-americana, com vistas à produção de novas chaves hermenêuticas que contemplem questões de gênero e de diversidade religiosa.

A Seção III, por fim, trabalha a *Pastoral – caminhos para superar a violência e educar para a paz*. Relata nove experiências de casos de violência e possíveis formas

de enfrentamento, minimização e superação. O primeiro caso relata, no texto *Ser presença junto a mães cujos filhos foram assassinados*, a experiência de Regina Reinart com mulheres cujas famílias foram vítimas de violência, ressaltando a importância da ação empática e misericordiosa, assim como propondo questionamentos que permitam analisar as formas de violência, superar a justificção da violência, refletir sobre as identidades religiosas e étnicas nas sociedades pluralistas e opor-se à militarização e proliferação das armas.

O segundo caso descreve a experiência de Haidi Jarschel no acompanhamento de mulheres vítimas de violência doméstica sob a temática *Violência contra as mulheres: violação dos direitos humanos*. Jarschel aponta as diferentes formas de violência das quais as mulheres são vítimas em um modelo complexo, assimétrico e hierárquico que dificulta o rompimento do ciclo de violência. Reconhece a importância de discussões sobre violência contra as mulheres no contexto global, assim como de iniciativas públicas no contexto brasileiro.

O terceiro caso descreve *A caminhada das CEBS do Rio Grande do Sul ao encontro das catadoras* na grande Porto Alegre. Os irmãos Antônio e Matilde Sechin descrevem sua experiência com papeleiras da grande Porto Alegre e as caracteriza como sanitaristas do planeta que completam os ciclos da natureza, possibilitando a reciclagem por meio da separação e reaproveitamento do lixo.

O quarto caso da Seção III aborda *O genocídio da juventude negra: um desafio para os direitos humanos*. Escrito pelo assistente social Júlio César de Andrade, o texto conta a experiência de jovens negros nas periferias urbanas brasileiras. O preconceito étnico-racial, somado à omissão do Estado na proposição de políticas sociais são apontados como as causas para a morte de jovens negros nas periferias urbanas. Diante deste cenário, o autor aponta possibilidades de combate a esta realidade.

O quinto caso, descrito pelo sociólogo Lucas de Deus, fala sobre a *Violência contra religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro*. Evidencia como estruturas racistas e intolerantes são obnubiladas pela crença da existência de um pluralismo religioso harmônico, afirmada como “verdade absoluta universalizante salvacionista” pregada por grupos religiosos hegemônicos. Por fim, destaca a necessidade de produção de cosmologias e epistemologias contra-hegemônicas e não ocidentais.

O sexto caso fala sobre a redução da violência no Jardim Ângela, bairro da capital paulistana, considerado a área mais violenta do mundo no que diz respeito a homicídios de jovens. Nele, o Pe. Jaime Crowe fala sobre o *Fórum em defesa da vida: vinte anos de resistência pela vida dos jovens que vivem nas periferias da Zona Sul de São Paulo* como uma das iniciativas responsáveis por essa melhoria, mas não deixa de considerar a necessidade de aprofundamento de políticas públicas que articulem de melhor forma as iniciativas já existentes.

Os últimos três textos da Seção III envolvem o tema da justiça. No sétimo relato de experiência, os responsáveis pela Pastoral Carcerária CNBB em âmbito nacional, Pe. Valdir João Silveira, Pe. Gianfranco Graziola, Ir. Petra Silvia Pfaller e Marcelo Naves escrevem sobre *Pastoral Carcerária, sistema penal e encarceramento da pobreza pelo fim do punitivismo* e da política de encarceramento em massa, dirigindo críticas à política do encarceramento que ronda a sociedade brasileira. No oitavo texto, Petronella Maria Boonen, do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular (CDHEP), fala sobre restauração de relacionamentos em *Justiça restaurativa como instrumento de cultura de paz*. Por fim, o promotor de justiça da infância e juventude do Ministério Público Estadual, Eduardo Dias Souza Ferreira, discute *A sociedade civil organizada e o controle social da política pública de segurança*, com destaque para o questionamento do papel das polícias em nossa sociedade.

O livro *Educar para a paz em tempos de injustiças e violência* reúne subsídios para o entendimento, assim como oferece reflexões e ferramentas, para o enfrentamento da violência estrutural presente em nossa sociedade. Certamente é uma importante contribuição para as diversas ciências humanas que se interessam pela promoção de uma cultura de paz, pela redução de injustiças e violências em nossos tempos e pela construção de eixos de solidariedade que busquem a humanização dessa cultura violenta.